Jornal de Negócios Quinta-feira 21 de Agosto 2008

SÉRIE **PAÍSES-CHAVE**

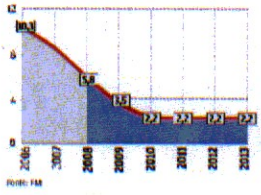
OS NAMOROS ENERGÉTICOS

14 economias à lupa

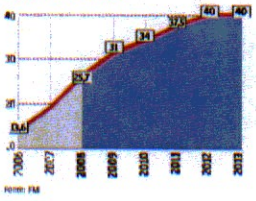
Os países ricos atravessam uma das piores crises desde a II Guerra Mundial, com o risco de recessão a ser efectivo nas maiores economias. O **Negócios** propõe uma análise diária aos 14 países que considera mais relevantes para Portugal na actual conjuntura. Começou pelas principais economias emergentes, sobre as quais recai a esperança de algum amparo para economia mundial, e passa esta semana para os produtores de energia com os quais o Governo tem adoptado uma política pró-activa de aproximação. A série terminará com um retrato dos principais parceiros comerciais nacionais. Hoje destacamos a Venezuela, país governado por um dos líderes mais populistas da actualidade, com quem Portugal tem mantido um intenso namoro diplomático.

os indicadores

Economia com perspectivas sombrias
Variação anual do PIB (em %)



O regresso anunciado da hiper-inflação
Evolução da taxa de inflação



7,6%
Desemprego
Em 4 anos, o desemprego caiu para metade. A pobreza também.

[VENEZUELA]

Um país "comandado" pelas cotações do petróleo

É um dos países onde a diplomacia económica portuguesa mais tem batalhado na tentativa de abrir novos mercados. Resta saber se o "boom" da Venezuela durará o suficiente para pagar o esforço **Eva Gaspar** egaspar@mediafin.pt

A economia venezuelana tem crescido a taxas recorde desde que, em 2002, foi derrotado o golpe de Estado contra Hugo Chávez, desencadeado pela decisão do presidente de demitir os gestores da estatal petrolífera (a PDVSA), que controla 95% da produção local, e substituí-los por gente da sua confiança. Mas o milagre venezuelano pouco ou nada terá a ver com a relativa estabilidade política instalada num país que continua a assemelhar-se a um vulcão adormecido, capaz de explodir a qualquer momento. O milagre venezuelano chama-se petróleo. E a sua desgraça poderá ter o mesmo nome – como aconteceu por diversas vezes num passado ainda recente.

Hugo Chávez sabe-o bem, como revela a perfeita colagem da sua retórica à oscilação das cotações do crude. Há pouco mais de um mês, quando a espiral de preços ameaçava atirar o barril para os 150 dólares, propôs à OPEP subsidiar a factura energética dos 50 países mais pobres do mundo. Esta semana, porém, o discurso virou: se o preço continuar a cair (está agora 24% mais barato desde o "pico" de 11 de Julho), a OPEP tem é de reduzir ainda mais a produção. Pelo meio, escapou-lhe uma inconfidência: "Há pouco [tempo], estive em Portugal e que me comentava o nosso amigo, o primeiro-ministro Sócrates? Que a economia portuguesa está estancada! Estancada? E nós estamos a crescer 7,1%. É um dos primeiros lugares em todo o mundo", afirmou nesta terça-feira num discurso transmitido pelo canal estatal de televisão, para sublinhar a proeza do crescimento homólogo registado no segundo trimestre, que havia sido divulgado na véspera pelo banco central.

Com o preço do crude a bater sucessivos recordes, há quatro anos que a economia venezuelana – sexta exportadora mundial e dona da Faixa de Orinoco, onde se assume existir a maior reserva do mundo de hidrocarbonetos – tem crescido a uma média superior a 10%, o ritmo mais célere de toda a América Latina. As previsões do FMI sugerem que o PIB do país mais do que duplicará entre 2005 e 2010, reflectindo o crescimento dos gastos públicos (entre 1998 e 2006, as despesas de carácter social aumentaram 170%), que normalmente (mais do que) acompanha as cotações do crude.

Com o desemprego reduzido a menos de metade no espaço de quatro anos (está nos 7,6%), salários mínimos mais generosos e crédito mais fácil, "é normal esperar três meses para comprar carros novos nas concessionárias de Caracas", registava recentemente o jornal "Folha de São

quatro perguntas a...

Mark Weisbrot Co-director do Center for Economic and Policy Research, Washington

O extraordinário desempenho da economia Venezuela é sustentável?

Não vejo razões para que não o seja. O que sucede é que todo o mundo odeia Chávez e há anos que diz que o pior vai acontecer – não aconteceu e provavelmente não acontecerá, pelo menos no imediato. Ao contrário dos Estados Unidos ou de Espanha, onde já se adivinhavam há largos meses a formação de bolhas insustentáveis no sector imobiliário, e que se sabia levariam a uma recessão económica ou, pelo menos, a uma forte travagem, quando explodissem, a economia venezuelana não enfrenta nenhum estrangulamento que possa justificar um cenário de colapso.

E a inflação?

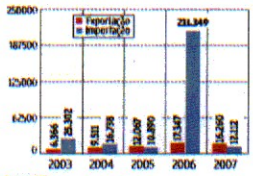
A inflação é um problema sério, mas sobretudo na medida em que torna a taxa de câmbio real do bolívar ainda mais sobrevalorizada. O Governo reconhece o problema e está a tentar resolvê-lo, mas, ao contrário de outros países, não o quer fazer sacrificando a economia.

As políticas de nacionalização de Chávez não vão comprometer o investimento estrangeiro e a transferência de tecnologia e "know-how"?

A Venezuela não precisa propriamente de investimento estrangeiro, porque está a acumular enormes excedentes. É verdade que a transferência de tecnologia, a começar pelo pró-

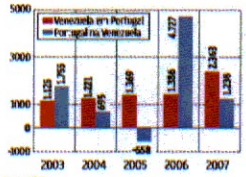
Semana 1 • Os emergentes • Brasil • Rússia • Índia • China
Semana 2 • Os namoros energéticos • Líbia • Angola • Argélia • **Venezuela** • Arábia Saudita
Semana 3 • Os parceiros comerciais • Reino Unido • Espanha • França • Alemanha • EUA

Comércio bilateral pouco relevante
Variação das importações/exportações Portugal-Venezuela



Fonte: AICEP

Investimento constante mas reduzido
Evolução do investimento directo líquido



Fonte: AICEP

500 mil

portugueses vivem na Venezuela, uma das maiores comunidades.

É caso para dizer "inimigos, inimigos, negócios à parte". Apesar de toda a retórica política, os EUA continuam a ser o principal parceiro comercial da Venezuela: simultaneamente os que mais lhe compram e os que mais lhe vendem. Já para Portugal, a Venezuela é um parceiro comercial com pouca expressão, apesar de ter aí uma das maiores comunidades (e dona de cerca de 80% das padarias e de 60% das mercearias). Em 2007, ao nível das exportações, foi o 60º cliente, com uma quota de apenas 0,04% do total das vendas ao exterior, enquanto que nas importações ocupou apenas a 86ª posição. Mas grandes mudanças estão em curso já neste ano, por conta dos contratos firmados pela GALP para o abastecimento de petróleo, e pela venda de produtos alimentares portugueses.

Bloomberg

Paulo", que dava conta da "movida" que tomou conta da capital onde reside uma das maiores comunidades portuguesas no estrangeiro – são quase meio milhão –, sem que isso se tenha reflectido na capacidade de vender por lá o "made in Portugal".

O "boom" deu, por outro lado, contornos bem mais suaves a velhos problemas. Entre 2003 e 2007, a taxa de pobreza foi reduzida a metade para 27,5%, e a de extrema pobreza recuou 70% para 7,6% , segundo dados do Centro de Investigação Económica e Política, sediado em Washington.

Mas a dinâmica da economia agudizou outros males. A começar pela inflação. O crescimento dos preços disparou para quase 20% em Maio e o FMI não acredita que se trate de um fenómeno conjuntural. Nas contas do Fundo, a taxa de inflação – que já em Janeiro obrigou o banco central a cortar três zeros fazendo nascer o "bolívar forte" – deverá duplicar nos próximos cinco anos, forçando uma desvalorização (que Chávez diz não estar no horizonte) contra o dólar.

O pior de dois mundos?

O Fundo prevê, aliás, que dentro em breve a Venezuela seja obrigada a conviver com o pior dos dois mundos: uma inflação ao velho estilo latino-americano, com pelo menos dois dígitos, e uma taxa de crescimento "à europeia", na casa dos 2%, à medida que a "mina" do petróleo for perdendo o brilho e se acentuar a saída de capitais.

A dinâmica dos preços tem sido especialmente acelerada nos produtos alimentares, fruto da alta mundial e da estrutural escassez de oferta. A Venezuela importa quase tudo o que come, e é por essa via, aliás, que José Sócrates – que esteve em Caracas em Maio e recebeu Chávez em Lisboa por duas vezes no espaço de oito meses – está a tentar forçar a porta de entrada no mercado venezuelano. Os primeiros dados do ICEP são animadores: as exportações portuguesas aumentaram, em termos homólogos, 202% nos primeiros quatro meses deste ano. Resta saber se este movimento é sustentável. E se o "boom" venezuelano também o é.

prio sector petrolífero, é importante. Mas os investidores estrangeiros tendem a ser menos ideológicos do que os políticos ou os media e continuarão a investir na Venezuela enquanto tiverem a perspectiva de elevados retornos – e essa perspectiva existe. Por outro lado, é bom ter em mente que o sector privado ainda hoje detém a parcela dominante da economia, sendo inclusive superior à que tinha quando, há oito anos, Chávez assumiu o poder. O Estado controla hoje 32% da economia, e nos anos 80 controlava mais de 40%.

Quais são os principais desafios?

Diversificar a economia, que está hoje quase completamente assente no petróleo, e isso é muito difícil de fazer com uma taxa de câmbio sobreavaliada.

E é preciso uma estratégia de desenvolvimento, possivelmente ancorada na fileira do petróleo, e isso não existe, como, aliás, sucede na maior parte dos países da América Latina.

Principais indicadores económicos	2007	2008	2009
PIB (variação anual, %)	8,4	5,8	3,5
Inflação (taxa anual, %)	18,7	25,7	31
Saldo balança trans. correntes (% PIB)	8,8	10,6	5,8
Saldo orçamental (% PIB)	3	2,4	1,4

Fonte: FMI e EIU

Jornal de Negócios Quinta-feira 21 de Agosto 2008

SÉRIE **PAÍSES-CHAVE** VENEZUELA

Um regime cada vez mais presidencialista

A Venezuela é uma República federal presidencialista. O poder executivo é exercido pelo Presidente da República, eleito por sufrágio universal para um mandato de seis anos, renovável uma vez. Reeleito em Dezembro de 2006, Hugo Chávez é simultaneamente Chefe de Estado e Chefe do Governo, nomeia o Vice-Presidente e os ministros. O poder legislativo é assegurado por um sistema unicameral, exercido pela Assembleia Nacional (167 membros eleitos por sufrágio directo), que substituiu o Congresso bicameral, abolido pela nova Constituição de 1999. Líder do Partido Socialista Unido (PSUV) – plataforma de esquerda formada há dois anos pelos partidos que apoiam a "Revolução Bolivariana" – Chávez diz estar a implementar uma democracia "verdadeiramente participativa", mas muitos acusam-no de práticas cada vez mais autoritárias e temem que o País acabe por resvalar para um regime ditatorial e opressivo.

Hugo Chávez | Presidente cada vez mais forte

Um "socialismo do século XXI" que (ainda) não traça novas fronteiras

Populista, demagogo, fanfarrão, ditador, perigoso, ingénuo... Quase todos os adjectivos foram usados para qualificar Hugo Chávez, que atiça a ira de uns, arranca aplausos de outros, mas não chega a dividir o mundo

Eva Gaspar egaspar@mediafin.pt

Bloomberg

A América Latina tem uma rica tradição de nacionalismos radicais, frequentemente nascidos entre os militares. Durante décadas, a revolução cubana dominou as atenções de um mundo bipolar, cortado ao meio pela guerra fria, com os apoiantes do mercado de um lado e os da intervenção do Estado na economia do outro. Hoje, é a "revolução bolivariana" de Hugo Chávez, e a sua tentativa de implementação de um "socialismo do século XXI", que atiça a ira de uns e arranca elogios de outros – mas não chega a traçar fronteiras, ao contrário do que sucedia com Fidel Castro. Exemplo? A Casa Branca é possivelmente a origem das críticas mais violentas a Chávez, mas isso não impede os EUA de serem o principal parceiro comercial da Venezuela.

Chávez, o segundo de seis filhos de um casal de professores, pai de três raparigas e um de rapaz, fruto de dois casamentos, entretanto desfeitos, chegou ao poder em 1999, sete anos depois de o, à época, tenente-coronel ter tentado um golpe de Estado contra o então presidente Carlos Andrés Pérez – a insurreição valeu-lhe dois anos de cadeia (só não foram mais, porque beneficiou de uma amnistia).

Logo que assumiu a presidência, decretou a realização de um referendo sobre a convocação de uma nova Assembleia Constituinte: 70% diz "sim" e, em Julho desse ano, a aliança de esquerda, fiel a Chávez (o Polo Patriótico), conquista 120 dos 131 lugares da nova Assembleia, que redige uma nova Constituição, confirmada em novo referendo por 71% dos eleitores. Nascia a República Bolivariana de Venezuela e, com ela, mais poderes para o Presidente e mais espaço para a intervenção do Estado na economia, que, ajudado pelas receitas cada vez mais chorudas da venda de petróleo, tem estendido os seus tentáculos aos sectores estratégicos.

Nacionalizações prosseguem

O mais recente passo dessa caminhada para o tal "socialismo do século XXI" foi dado esta semana. Chávez festejou a aquisição, por cerca de 560 milhões de euros, de duas fábricas de cimento (a francesa Lafarge e a suíça Holcim) e anunciou a tomada do controlo da mexicana Cemex (os mexicanos reclamam 1,2 mil milhões dólares, Caracas diz que é demais), que lhe permitirão controlar 98% do mercado de cimento e prosseguir "um ambicioso programa de construção de habitações". "As fábricas de cimento passam para a mão do Estado, como se passou com a Siderúrgica do Orinoco (Sidor), com a Faixa (petrolífera) de Orinoco e com a Companhia de Telefones de Venezuela. Tudo isto são passos para o socialismo", diz Chávez. O próximo passo será na banca, com a tomada do controlo do Banco da Venezuela, que está a ser negociada com o Grupo Santander. "Enquanto eu estiver aqui, com o favor de Deus e o vosso apoio, a Venezuela marchará pelo caminho da igualdade, da justiça social e do socialismo". Alô Presidente?

indicadores sociais e políticos

Governo e próximas eleições
Hugo Chavez (Presidente e Chefe de Governo). Ramon Carrizalez (vice-Presidente executivo). Próximas eleições em Dezembro de 2012.

População
26,4 milhões

Área
912.050 km2

Capital
Caracas

Moeda e câmbio
Bolivar (1 Euro = 3,1924 bolivares)

Etnias e religião
Hispânicos, italianos e portugueses (cerca de 450 mil). Católicos (96%), Protestantes (2%)

Taxa de pobreza
37,9%

Desigualdade de rendimentos
48,2 (índice de Gini)

Idade média da população
25,2 anos

Taxa de crescimento da população
1,5%

Taxa de literacia
93%

Esperança média de vida
73,4 anos

Nº de emissoras de televisão
66

Nº de utilizadores de Internet
4,14 milhões